

FOLGUEDOS - CAVALHADAS**RENAN BRIÃO¹; CAROLINA PORTELA²; THIAGO AMORIM DO ORIENTADOR³**¹UFPEL 1 – *briao_vargas@hotmail.com*²UFPEL- *carol.martins.portela@gmail.com*²³UFPEL- *thiagoamorim***1. INTRODUÇÃO**

Este trabalho fala sobre um folguedo nacional que desembarcou no Brasil através dos portugueses, as cavalhadas manifestação que remonta as cruzadas, para isso foram usados referenciais bibliográficos como Guia do folclore gaúcho MEYER; AUGUSTO (1951) e o Dicionário do folclore brasileiro CASCUDO: CÂMARA (2012) buscando as características dessa manifestação nos estados brasileiros.

2. METODOLOGIA

A pesquisa sobre as cavalhadas são um dos passos iniciais do observatório de culturas populares da UFPEL, e do projeto folguedos e danças marginais do e no Rio Grande do sul aonde no início deste ano elegemos os folguedos foram escolhidos para que tivesse na sua primeira parte é buscar a material teórico sobre as manifestações escolhidas, e em segundo uma visita in loco dessas manifestações, para construir matérias teóricos durante a trajetória da pesquisa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Cavalhadas, é um folguedo que remontam os torneios medievais aristocráticos conhecidos como justas, e as cruzadas que foram expedições armadas dos cristãos contra os mouros, que lutavam pela terra santa. E é por isso que essa manifestação é realizada em duas partes distintas, os jogos, aonde são demonstradas todas as destrezas dos cavaleiros como nas justas, e a parte dramática que conta a estória de uma princesa moura que é resgatado pelos cristãos que ao vencerem uma ardo-a batalha, conquistam a paz e batizam os mouros.

Para a realização do evento é escolhido uma praça com uma igreja e a sua frente é montado um forte de madeira como traz a descrição de MEYER (1951) “ De ordinário, escolhe-se uma praça onde haja uma igreja; do lado oposto a esta, tem-se construído um ligeiro castelo, no qual está encerrada a donzela que traz à mão vistoso ramalhete de flores...” e as evoluções, tanto dos jogos quanto do drama acontecem nesse espaço.

As cavalhadas seguem uma certa sequência, estas comuns nas diferentes regiões aonde são apresentadas, começando com um desfile que apresentam os cavaleiros, cristãos e mouros, e em seguida entra a figura dos espias, que são uma especie de bobos da corte que divertem o público e reconhecem o território, e é quando o espia cristão é morto pelos mouros e assim começam as evoluções de batalha, fazendo a figura do oito aonde apresentam o armamento, um dos cavaleiros cristão vai argumentar com os mouros este conhecido como embaixador, tenta convencer os mouros a serem batizados, ele é preso e segue a briga e aproveitando um momento de distração a princesa liberta o embaixador cristão se convertendo, o embaixador mouro faz um movimento de convencer os seus adversários de desistirem e se converterem para o islamismo, porem segue a luta, os mouros são derrotados aprisionados levados ao altar e são batizados.

Esses eventos aconteciam de acordo com MARQUES (1989) na parte da manhã, com duração de mais ou menos três horas. Porém nas manifestações aonde o forte é queimado são realizados a tarde para que acabar com isso acabe.

À tarde, iniciam-se os jogos equestres, destacando-se a derrubada das cabeças ou bonecos e a argolinha. Em competições, os cavaleiros procuram tirar, com a lança, o maior número de argolas, penduradas numa trave, por sucessivas cargas. Igualmente, tentam derrubar as cabeças estrategicamente colocadas no campo, utilizando a lança, espada e, posteriormente, a garrucha. Em algumas cavalhadas, ocorre o “alcancilho de flores” (evoluções com a participação de todos os componentes). Há localidades em que os espetáculos encerra-se com um baile onde se trocam argolinhas por mimos ofertados durante o torneio. MARQUES (1989)

As indumentárias guardam certa pompa, os aperos usados são as, mas caras e ricas que o cavaleiro tiver, isso é um traço em comum entre as duas equipes. A principal diferença está nas cores das vestias, azuis os cristãos e vermelho os mouros.

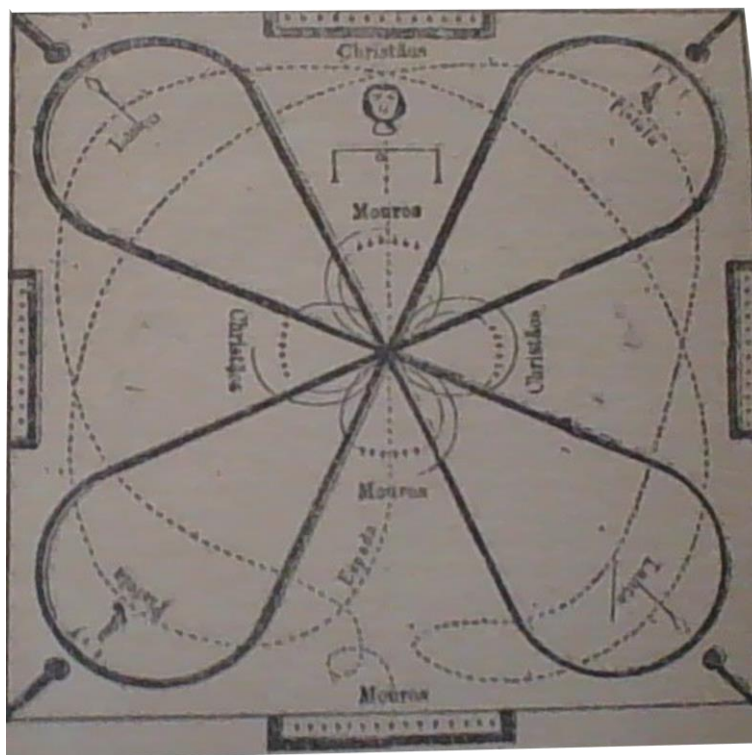
Os cristãos usam chapéu mole, com aba virada e pluma branca; blusa azul bordada a ouro, calça branca de couro da Rússia com grandes esporas de prata; os mouros aparecem nas suas aljubêtas granadas, de gorro da mesma rubra cor, tudo isso recamado de muitos labores a ouro, muitos franjados da mesma riqueza, e bombacha branca, e também botas, onde na sua polida negridão cintilam as correias de pratas das competentes esporas afiadas. (MEYER 1951)

Ainda é possível ver as cavalhadas em Portugal, com uma característica que foi escrita por João Simões Lopez Netto, no Contos gauchesco aonde traz a princesa moura encantada, em Mario de Andrade (1959) “ mais característico ainda é ter quase totalmente desaparecido entre nós a tradição , das Mouras Encantadas, mistos locais de ordem sexual, vivendo nas benedias e nas fontes que é multifária e vivíssima em Portugal.” Também no mesmo livro eles trazem um parágrafo com as datas e diferenças dessa manifestação no Brasil.

Houve cavalhadas pelo Brasil todo, e às vezes com muita pompae um desenvolvimento que as tornava legítima representações ao ar-livre. A data mais comum da sua realização era a festa do Divino. Isto tradicionalmente posso garantir para o Rio Grande do Sul (120,144), para o Estado da Rio (38,55), para São Paulo (como as França e de Mogi das Cruzes até agora0, Para Goiás (114,147) e vários outros Estados. Em Niterói a data tradicional era a festa de São Gonçalo. Isso era gente muita que partia nas barcas, abandonando a Côrte pela outra banda da baía. Foi numa dessas cavalhadas, “na véspera do Espírito Santo”, como conta Vieira Fazenda, que se deu a exploração medonha da barca “Espetaculadora”, matando tanta gente (27,IV,133e s.) Martius (60,II,699) descreve cavalhadas baianas como tradicionais pelo Nata. Em Belmonte porém, na mesma Bahia, a Moirama, ou Mouros, divertimento popular intermediário entre as cavalhadas e a dança dramática, se realiza no dia 20 de Janeiro (115,59). Já pore´m Manuel

Querino (56,52) afirma que na cidade de Salvador a Chegança de Mouros se realiza indiferentemente pelos Reis, pelo S. João, ou na principal data baiana, ou 2 de Julho. Koster viu sua curiosíssima Chegada de Mouro pelo Carnaval (4,332 e ss.). E é também sabido que as cavalhadas se realizavam sempre que um sucesso importante, casamento de príncipes, inauguração de igrejas, aniversário de graúdos, coisas assim pareciam dever implicar o regozijo do povo. ANDRADE (1959)

É necessário ainda procurar novas fontes, pois existem inúmeras descrições de cavalhadas pelo Brasil, embora o foco do trabalho seja nas do Rio Grande do Sul.



MEYER AUGUSTO (1951) pág.42

4. CONCLUSÕES

Esse foi o primeiro momento do trabalho que ainda esta em processo, houvera novos trabalhos, com mais fontes como o João Carlos Paixão Cortes e Alceu Maynard, que são nomes que sabemos que escreveram sobre essa manifestação, e adentrar na parte mais pratica do trabalho que é visitar uma cidade que ainda tenha essa manifestação para a construção de um material inedito da UFPel.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MEYER, A. **Guia do Folclore Gaúcho**. Rio de Janeiro: Rio, 1951.

ANDRADE, M. **Danças Dramáticas do Brasil**. São Paulo: Livraria Martins, 1959.

MARQUES, L, A, B. **Rio Grande do Sul: Aspectos do Folclore**. Porto Alegre: Martins livreiro, 1989.

NETO, J, S, L. **Contos Gauchescos**. Porto Alegre: Globo, 1976 9ª edição.

CASCUDO, L, C. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. São Paulo: Global, 2012 12ª edição.